

O Uso de Recursos Didáticos em Atividades de Estágio Supervisionado no Curso de Licenciatura em Química

Patrícia Salvador Tessaro¹ (IC)*, Moisés da Silva Lara¹ (PQ).
*patriciasalvortessaro@gmail.com.

¹ Curso de Licenciatura em Química – Universidade do Estado de Santa Catarina – Centro de Ciências Tecnológicas.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado, Formação de Professores, Ensino Química, Jogo das Funções.

RESUMO: OS ESTÁGIOS NOS CURSOS DE LICENCIATURA SÃO ESSENCIAIS PARA QUE O ESTUDANTE POSSA SE PREPARAR PARA O EXERCÍCIO DOCENTE. NESTE TRABALHO FORAM ABORDADAS AS REFLEXÕES REALIZADAS POR UMA ACADÊMICA DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA SOBRE O QUARTO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO. COM A PREPARAÇÃO DE PLANOS DE AULA SOBRE FUNÇÕES ORGÂNICAS E SUA APLICAÇÃO EM DUAS TURMAS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO FORAM DISCUTIDOS A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DO RECURSO DIDÁTICO “JOGO DAS FUNÇÕES”, UM JOGO DA MEMÓRIA DESENVOLVIDO PELA ESTAGIÁRIA. EM UMA DAS TURMAS ABORDOU-SE O CONTEÚDO ATRAVÉS DE DIÁLOGOS E EXERCÍCIOS, ENQUANTO NA SEGUNDA TURMA UTILIZOU-SE DO RECURSO DIDÁTICO ELABORADO PELA ESTAGIÁRIA. COMO RESULTADO, OBSERVOU-SE QUE A PARTIR DO RECURSO DIDÁTICO OCORREU COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS ENTRE OS ALUNOS E O OBJETIVO DA AULA FOI ALCANÇADO DE FORMA FACILITADA. A REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO PERMITIU A ESTAGIÁRIA REVER SUA PRÁTICA DOCENTE PARA QUE POSSA APERFEIÇOAR-SE E MELHORAR SEU FUTURO PROFISSIONAL.

INTRODUÇÃO

A prática docente através do Estágio Supervisionado está presente nos cursos de Licenciatura como parte da formação de profissional da educação, com o intuito de proporcionar ao futuro docente o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos do contexto escolar, possibilitando uma transição mais efetiva de aluno a professor (FIORENTINI; CASTRO, 2003, p. 122). O estágio possibilita uma reflexão sobre a atividade docente que, segundo Freire (1997, p.43-44), “envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Nas palavras de Silva e Schnetzler, o “Estágio Supervisionado se constitui em espaço privilegiado de interface da formação teórica com a vivência profissional” (SILVA; SCHNETZLER, 2008 apud GARCEZ et al., 2012, p.150).

Considerando a importância do estágio para o futuro docente, o objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre as atividades desenvolvidas por uma acadêmica do Curso de Licenciatura em Química de uma instituição pública do Estado de Santa Catarina, durante o Estágio Supervisionado realizado no último semestre do curso.

CONTEXTO DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

A escola onde foi realizado o estágio também é uma instituição pública que atende alunos de Educação Infantil até o Ensino Médio, os quais, em sua maioria, são de classe média e média alta. Possui uma boa infraestrutura, cujas salas de aula são equipadas com projetor de imagens, contando com laboratórios de informática e laboratórios de Química equipados com reagentes e vidrarias para a execução de experimentos. A escola aceita estagiários de Licenciatura e permite-os realizar

projetos, regências e participar de atividades escolares para que estes possam aperfeiçoar os seus conhecimentos para sua futura atividade profissional.

Durante o estágio, a professora supervisora e a equipe pedagógica acompanharam as atividades da estagiária e também solicitaram o Relatório Final para conhecer as discussões realizadas pela acadêmica, evidenciando a importância dada aos estágios, tanto para acompanhamento dos docentes da instituição, quanto para possibilitar a ampliação de oportunidades de aprendizagem aos seus alunos.

É indiscutível a importância de todas as fases do estágio, que envolvem o estudo da infraestrutura da escola, da sua organização, o acompanhamento e observação de aulas, elaboração de Planos de Aula e projetos de ensino. No entanto, não menos importante, é o momento da reflexão do acadêmico sobre a sua prática, investigando e analisando se as propostas de aula poderão resultar na aprendizagem dos estudantes.

Partindo-se da premissa de que o professor não só deve ensinar os conteúdos específicos da disciplina, mas também formar o estudante para que ele se torne atuante na sociedade, é preciso problematizar o que está sendo ensinado, de modo que os conteúdos estejam inseridos num contexto de importância histórica, cotidiana ou futura, na vida do estudante (CASTRO; TUCUNDUVA et al., 2008).

ELABORAÇÃO DO RECURSO DIDÁTICO E REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DA DOCÊNCIA

Enfatiza-se a importância do planejamento das aulas para que a atuação do professor seja organizada, com propósitos claros e bem definida. É neste momento que se definem os objetivos e se realizam as reflexões sobre como serão desenvolvidas as atividades para que estes sejam atingidos. Durante a realização deste estágio, os conteúdos de química a serem abordados, foram previamente definidos pela estagiária, em conjunto com a professora supervisora, a partir dos quais se elaborou os Planos de Aula.

Definiu-se que as aulas seriam preparadas de acordo com as Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002), abordando o estudo dos Hidrocarbonetos e das Funções Orgânicas, pertinentes para a compreensão de vários aspectos da Química, tais como as reações, as substâncias existentes, suas propriedades e, aplicações, já que estas estão presentes em nosso cotidiano. Focou-se na contextualização, identificação e nomenclatura de cetonas, ésteres e aminas.

A partir da definição do conteúdo de química a ser explorado, os Planos de Aula foram delineados, destacando-se: Tema proposto, Conteúdos Curriculares Abordados, Objetivos da aula, Etapas envolvidas, Recursos Didático-Metodológicos, Proposta de Avaliação e os Materiais Instrucionais.

Para o planejamento das aulas, a estagiária elaborou algumas questões que serviram de guia para a execução: (1) Quais os objetivos a serem alcançados?; (2) Quais os conceitos químicos que o aluno poderá aprender?; (3) Quais conhecimentos eles já possuem?; (4) Quais estratégias e Recursos Didáticos poderão ser utilizados para auxiliar na aprendizagem? e; (5) Qual a duração da aula?. A partir destes questionamentos, os Planos de Aula foram estruturados de forma a abranger os conteúdos de Química ansiados e, como embasamento teórico foram utilizados artigos científicos sobre Química e Ensino de Química, além do livro didático adotado pela escola, visando melhor entendimento dos conteúdos pelos estudantes.

Ciente de que em sala de aula diversas situações inesperadas podem ocorrer, a estagiária buscou planejar as atividades de forma bastante flexível, para que pudessem ser adaptadas de acordo com a turma e as discussões geradas.

Foram elaborados dois Planos de Aula distintos, sendo um para cada uma das turmas de Terceiro Ano do Ensino Médio envolvidas. Assim para a Turma 1 (T1) não foram utilizados outros recursos além do quadro branco e dos livros didáticos, explorando-se apenas o diálogo e a discussão. Porém, para a Turma 2 (T2), além dos recursos tradicionais e do diálogo, foi utilizado um jogo de cartas, denominado “Jogo das Funções” com objetivo de introduzir uma atividade lúdica que auxiliasse no processo de ensino e ao mesmo tempo possibilitasse obter dados para a avaliação da aprendizagem.

Em ambos os casos, as aulas foram teóricas, entendendo-se que estas auxiliam os alunos a ter o embasamento necessário, sobre os conteúdos Químicos, para as discussões sobre onde estes fenômenos estão presentes no dia a dia. Porém houve a intenção em afastar-se da Pedagogia Tradicional, que, conforme afirmam Oliveira e Leite (2010), entende o professor como transmissor do conhecimento e o aluno como receptor passivo de informações. Para a estagiária este momento também permitiu a reflexão sobre seus conhecimentos de química e de seu preparo para explicar aos estudantes os conceitos com clareza e objetividade.

ATIVIDADES NA TURMA 1 (T1)

Para a Turma 1 optou-se pela abordagem temática “Atmosfera” para o estudo de uma função oxigenada (Éster) e uma função nitrogenada (Amina), explorando-se suas propriedades, usos e suas respectivas nomenclaturas (BRASIL, 2002). Para este estudo foram destinadas três aulas de 50 minutos, de modo que o tempo fosse suficiente para se abordar a importância das funções amina e éster no cotidiano dos estudantes e que estes pudessem aprender a sua nomenclatura, através de questionamentos e discussões em sala de aula, evitando-se um enfoque puramente memorístico, tal como se dá no chamado ensino propedêutico, cujo objetivo principal é a preparação para exames como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e os vestibulares, visando uma etapa subsequente que é o Ensino Superior.

A primeira aula iniciou-se com o estudo da função éster, a partir dos seguintes questionamentos: “Qual a importância do aprendizado das funções orgânicas para nossas vidas? Onde elas estão presentes?”.

Foi observado que os estudantes tiveram dificuldade em responder sobre as aplicações das funções orgânicas e da presença em seu cotidiano, relatando apenas a importância que estas possuem no meio escolar como, por exemplo, a utilização em provas aplicadas pela professora de Química. Alguns alunos declararam que precisavam estudar estas funções orgânicas para resolverem futuramente as provas do ENEM e realizarem provas de seleções para o ingresso no Ensino Superior. Estas afirmações reforçam a percepção de que grande parte dos estudantes possui uma visão restrita e bastante tradicional do ensino, uma vez que demonstraram grande preocupação em “vencer” conteúdos e preparar-se para exames, o que possivelmente, se deve aos próprios professores que muitas vezes buscam justificar a importância do aprendizado alertando para a presença de tais conteúdos nos exames.

Este pensamento não corresponde às atuais discussões sobre os objetivos da Educação Básica, explorados por diversos pesquisadores e defendidos nos documentos oficiais como o PCN+ (BRASIL, 2002, p. 87) e o PCNEM (BRASIL, 1999)

que são contra a ênfase na memorização de nomes químicos, informações tabeladas, fórmulas e conhecimentos como fragmentos desligados da realidade dos alunos. Entre os objetivos defendidos, estão que o estudante reconheça e compreenda, de forma integrada e significativa, as transformações químicas que ocorrem nos processos naturais e tecnológicos em diferentes contextos, encontrados na atmosfera, hidrosfera, litosfera e biosfera, e suas relações com os sistemas produtivo, industrial e agrícola. A partir desta proposta, espera-se que o estudante saia do Ensino Médio com uma visão mais ampla dos fenômenos e dos processos químicos que ocorrem em sua realidade de vida.

Durante as discussões, a estagiária distribuiu a eles uma bala de sabor morango e questionou sobre a composição química deste doce instigando-os a explorarem seus conhecimentos. Houve silêncio por alguns segundos, necessitando que a estagiária conduzisse a discussão para se chegar a uma conclusão a respeito da presença de substâncias orgânicas. Uma das estudantes afirmou que estas substâncias dão “sabor sintético aos alimentos”. Alguns estudantes demonstraram surpresa ao saberem que a bala possuía as moléculas orgânicas que estavam sendo estudadas.

Na sequência, a estagiária pediu para que os alunos pensassem sobre a presença das funções em seu dia a dia de forma a obter informações mais amplas, não apenas o aprendido em sala de aula. Com as observações e reflexões sobre a situação, uma alternativa é o desenvolvimento de projetos que estimulem a pesquisa sobre este conteúdo de forma a instigar os alunos a buscar seus conhecimentos.

Após a discussão, iniciou-se a segunda etapa da aula com o estudo da nomenclatura geral para hidrocarbonetos, verificando se os alunos se lembravam das regras básicas da nomenclatura oficial proposta pela International Union of Pure and Applied Chemistry (IUPAC). Embora o ensino de Química Orgânica não deva se basear num enfoque meramente “nomenclaturista”, o processo de nomeação das substâncias faz parte do ensino. Porém, não deve ser seu único escopo, uma vez que interessa que os estudantes compreendam as características e as propriedades dos compostos, assim como seus usos e importância para a sociedade.

Durante os questionamentos, verificou-se que os estudantes não sabiam o significado de saturação e insaturação, podendo ser cogitadas duas hipóteses para este caso: ou estas expressões ainda não tinham sido utilizadas nas aulas anteriores ou, não foram suficientemente discutidas para que os estudantes pudessem lembrar-se delas. O que nos remete à importância de se explorar a linguagem específica da química para elaboração de significados. Tais dificuldades evidenciam a importância da apropriação da linguagem química para a compreensão dos fenômenos de estudo. Assim sendo, é preciso reconhecer que:

“(…) somos falantes de uma linguagem diferente daquela de nossos alunos, e para que eles possam entender a linguagem química é preciso que nós, (…), os introduzamos-nos diferentes códigos da nova língua e, inclusive, façamos que eles vejam as semelhanças desta com o dialeto que é corrente em seu mundo e que é regido muitas vezes por suas práticas sociais (…).”(CHASSOT, 1995, p. 165).

Apesar destas dificuldades, constatou-se que os estudantes conseguiram nomear a molécula desenhada, enquanto a estagiária incentivava o uso apropriado da linguagem química.

Em seguida representou-se no quadro o grupo funcional da função éster apresentando apenas as modificações na regra de nomenclatura em relação aos

hidrocarbonetos, questionado em seguida a diferença entre o éster e o ácido carboxílico para que os alunos pudessem perceber que estas modificações resultam em funcionalidades e aplicações diferentes. Os alunos tiveram dificuldades em lembrar como era o grupo funcional do ácido carboxílico, mas a observação que preocupou a estagiária foi que os mesmos não buscavam em seus cadernos as anotações da aula e aguardavam que a estagiária fornecesse a informação necessária.

Essas observações demonstram a necessidade de a escola incluir os estudantes e a comunidade no debate sobre os objetivos da Educação Básica e o papel dos sujeitos enquanto pais, professores ou estudantes. A formação do sujeito não pode ser uma atribuição exclusiva da escola ou dos professores, a busca pelo conhecimento deve ser incentivada pela escola, mas esta requer um envolvimento ativo do estudante. Alertar o estudante de que a sua educação depende de si é essencial para que este se torne um cidadão ativo, crítico e consciente em sua sociedade.

Durante as aulas foram realizados diversos exercícios que exigiam a participação ativa dos estudantes, enquanto que a estagiária orientava as discussões e esclarecia dúvidas dos mesmos. A partir da verificação de que os alunos se preocupavam mais com as regras de nomenclatura do que com sua aplicação no dia a dia, pediu-se para que eles apresentassem e discutissem três exemplos do cotidiano onde esta função orgânica estava presente.

A segunda aula iniciou-se com a correção de exercícios, sendo que os alunos foram ao quadro e resolveram as atividades com o auxílio dos colegas. Não se observou dificuldades na resolução das questões, de modo que se pode afirmar que os objetivos desta etapa foram atingidos. Em relação aos usos de substâncias, diversos alunos citaram os medicamentos, sabores de bolachas recheadas e tintas sintéticas. Quando indagados sobre dúvidas ainda existentes, não houve mais questionamentos.

Entre os objetivos da segunda aula estavam o estudo da função amina. Ao se questionar sobre a presença desta função orgânica no cotidiano dos estudantes, as meninas comentaram que uma solução contendo amina possui um odor desagradável e é utilizada para tratamento e tingimento de cabelos. Os meninos da turma não participaram da discussão, porém a estagiária buscou integrá-los na discussão a partir dos exemplos trazidos para a sala. Como os Recursos Didáticos que a sala de aula possuía para aquele dia eram o quadro branco e o livro didático, novamente foram descritas as modificações nas regras de nomenclatura, segundo a IUPAC, sendo que a função orgânica trabalhada foi amina.

Normalmente nas pedagogias tradicionais o professor é considerado o detentor do conhecimento que deve transmitir as informações enquanto que aos alunos cabe assimilar o que lhes foi ensinado (PINHO et al., 2010). Porém, consideramos que ainda que os únicos recursos empregados nesta aula tenham sido o quadro branco e o livro didático, ela diferencia-se da pedagogia tradicional por que possibilitou a interação entre os estudantes e uma abordagem mais dinâmica dos conteúdos.

Os alunos tiveram muitas dúvidas na nomenclatura da amina, na análise da molécula e principalmente para desenhar a estrutura. Desta forma a estagiária necessitou iniciar com exemplos mais simples até chegar aos mais complexos, interrompendo diversas vezes para retomar a explicação. Os alunos estavam acostumados com a nomenclatura mais básica das funções oxigenadas, onde já identificavam rapidamente a função na molécula.

Nas atividades, era necessário verificar se o grupo nitrogenado era a função ou um substituinte, sendo que estes fatores interferiam na nomenclatura. A realização dos exercícios sobre esta função e a correção dos mesmos demorou um tempo a mais do

que o programado, pois muitos estudantes quando iam até o quadro ainda tinham dúvidas. Porém, após diversas retomadas nas explicações, eles conseguiram entender o conteúdo trabalhado, alcançando os objetivos propostos.

ATIVIDADE DA TURMA 2 (T2)

Para a segunda turma, foi mantido o tema “Atmosfera”, mas abordaram-se as funções oxigenadas éster e cetona. As atividades realizaram-se em três aulas de 50 minutos, com o objetivo de que os estudantes pudessem discutir sobre os usos e a importância destas substâncias em seu cotidiano, além de aprender a nomeá-las e destacar as diferenças entre elas.

As aulas desta turma diferem-se daquelas realizadas na primeira pelo fato de que foi inserido um novo Recurso Didático, o “Jogo das Funções”, que foi desenvolvido pela estagiária para auxiliar na aprendizagem e possibilitar uma avaliação da aprendizagem, de forma interativa e dinâmica, possibilitando também, aos próprios estudantes observarem suas dificuldades e aprendizados obtidos.

Nesta turma a primeira aula também se iniciou com a questão: “Qual a importância do aprendizado das funções orgânicas para nossas vidas? Onde elas estão presentes?”. As respostas obtidas foram semelhantes às descritas em 3.1, deixando a impressão de que os estudantes não tinham muito interesse em aprender os conteúdos, observar o mundo com “outros olhos” e explorá-lo com seus conhecimentos para entender os fenômenos químicos que ocorrem à sua volta.

Sendo assim, primeiramente a estagiária discutiu a importância dos conhecimentos de ciências para se atuar ativamente na comunidade em que estamos inseridos. Em seguida, foram entregues as balas de morango, que auxiliaram nas discussões sobre a presença das funções orgânicas no cotidiano, como em alimentos industrializados, petróleo e medicamentos.

A partir da representação de um hidrocarboneto insaturado, discutiu-se a diferença entre gorduras saturadas e insaturadas e, neste momento um dos estudantes argumentou que as gorduras insaturadas fazem mal à saúde enquanto as outras são importantes para o organismo. A partir deste ponto, iniciou-se uma discussão sobre a interferência das ligações duplas e simples, na temperatura de ebulição das moléculas orgânicas. Observou-se que alguns estudantes ficaram surpresos com essas informações, o que reforça a tese de que exemplos mais próximos da realidade dos estudantes contribuem significativamente para um maior interesse destes com a aprendizagem.

Novamente constatou-se a dificuldade dos estudantes com o uso adequado da linguagem científica, o que motivou a estagiária a reforçar a atenção à linguagem e discutir com os estudantes a sua importância. O fato que a levou a esta constatação foi que os alunos não sabiam o significado da palavra “substituinte” usada para se referir às ramificações na molécula orgânica, conhecendo apenas como “radical”. A estagiária explicou então cada um dos termos, tendo em vista a importância de utilizar, sempre que possível, a linguagem Química. Porém, como a professora da Unidade concedente ensinou-lhes desta maneira, não foi possível uma interferência tão grande neste conceito.

Na sequência, discutiram-se as diferenças, da função éster com os ácidos carboxílico, que haviam sido estudados anteriormente pela turma. Nesta atividade, para além das diferenças estruturais e de nomenclatura, foram enfatizadas as diferenças de usos, considerando-se a importância em mostrar aos estudantes um vínculo entre os

conteúdos abordados em sala de aula e os fenômenos observados no cotidiano e na sociedade.

Após esta discussão foram trabalhados detalhadamente alguns exemplos para que os alunos pudessem praticar a nomenclatura destas moléculas orgânicas seguindo as regras estabelecidas pela IUPAC. Com esse intuito, foi entregue aos estudantes uma lista de exercícios para serem resolvidos em casa e discutidos na próxima aula.

Na aula seguinte iniciou-se o estudo da função cetona questionando-se os alunos sobre a presença desta molécula no cotidiano, de modo que estes citaram o uso de acetona como removedor de esmalte da unha. Os estudantes conseguiram diferenciar com facilidade o grupo funcional da cetona e do éster, mas tiveram dificuldade em discutir a presença de ligações insaturadas, sendo necessária uma discussão maior sobre esta classificação.

A seguir os estudantes trabalharam na nomenclatura dos compostos, observando-se uma maior dificuldade dos mesmos com as moléculas maiores e mais ramificadas, principalmente na ordenação alfabética dos nomes dos substituintes. Nesta atividade, observou-se grande envolvimento dos estudantes e a preocupação destes em auxiliarem os colegas em dificuldades.

Na terceira aula, foi utilizado o “Jogo das Funções”, desenvolvido pela estagiária e, que permitiu aos estudantes analisarem os diferentes tipos de fórmulas e exercitarem a linguagem própria da Química. O jogo das funções é um jogo da memória que tem por objetivo que se encontre o par correto de imagens ou questões sobre as funções orgânicas estudadas.

Na elaboração do jogo didático, buscou-se o desenvolvimento de um recurso de forma a verificar se os objetivos da aula foram alcançados e analisar se com o auxílio deste material facilitasse o entendimento do conteúdo pelos alunos. Assim foram abordadas as representações de moléculas orgânicas e as regras de nomenclatura das funções orgânicas estudadas na aula, mas também envolviam outras estudadas anteriormente, possibilitando uma revisão de conteúdos já abordados.

O Jogo das Funções é um jogo para três pessoas, composto por vinte cartas, sendo que cinco possuem estruturas de moléculas orgânicas, cinco contêm nomes de moléculas e as demais estão em branco para serem completadas com a ajuda dos colegas. As moléculas e as respectivas nomenclaturas exploradas representam diferentes graus de dificuldades, sendo que no nível mais avançado, para se encontrar o par correto é necessário, além dos conhecimentos básicos de nomenclatura, conhecimentos sobre usos do composto em questão. Um aspecto importante sobre este jogo é que ele se diferencia dos jogos da memória convencionais, porque é o estudante que constrói seu próprio recurso didático, buscando o seu conhecimento e dificuldades a serem supridas.

Durante esta atividade observou-se intensa discussão entre os estudantes sobre as dúvidas que possuíam ao desenharem as estruturas e sobre as correções a serem feitas caso a carta apresentasse alguma estrutura errada. Como não havia material para consulta, além dos seus próprios conhecimentos, a interação entre o grupo e grupo-professor também era essencial para que conseguissem finalizar esta tarefa.

Os estudantes participaram ativamente do jogo, sendo possível observar os conhecimentos adquiridos e as dúvidas que ainda existiam. A estagiária observou o modo como a turma conseguiu alcançar os objetivos propostos e pode-se constatar que o trabalho em grupo não apenas manteve a união entre os colegas, mas também incentivou que um estudante auxiliasse o outro nas dificuldades com os conteúdos de Química. Durante a atividade foi muito importante a interação dos estudantes com a

estagiária que ajudou esclarecendo dúvidas e verificando as respostas dadas pelos estudantes. Assim, houve a preocupação com o estímulo da interação da estagiária com os alunos, superando a visão de que o estudante seria apenas o receptor e o professor o transmissor do conhecimento em aulas voltadas à explanação conceitual. A interação entre os alunos é importante para que exista troca de conhecimentos. Sobre isso, Nicolini e Moraes (2005) descrevem que em um projeto no ensino de matemática onde o trabalho em grupo foi realizado os estudantes percebiam a importância do trabalho em sala de aula, inclusive os debates e atividades em grupo, observadas também na aplicação do "Jogo das Funções". A Figura 1, abaixo, mostra o jogo produzido por um dos grupos do terceiro ano.

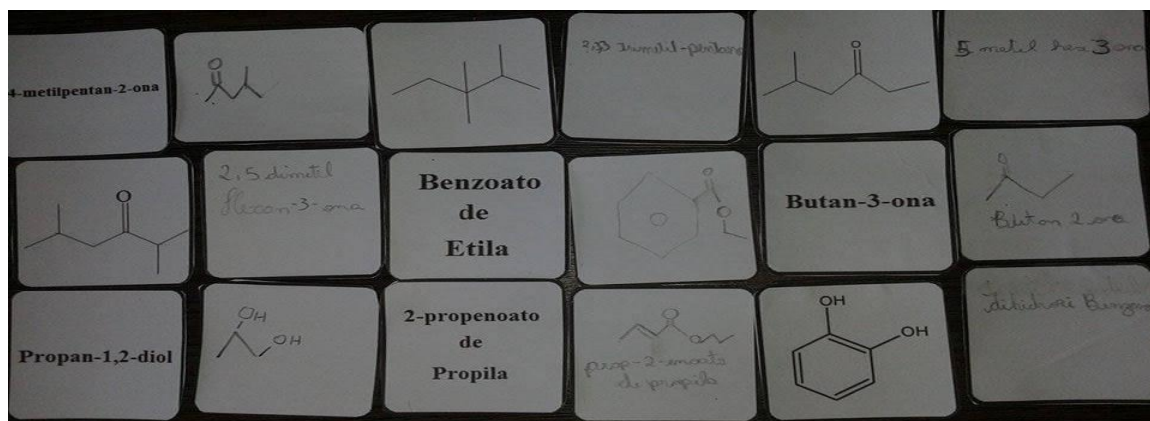


Figura 1. "Jogo das Funções" construído por um grupo de estudantes do Terceiro Ano do Ensino Médio.

Sobre os recursos didáticos, Filho et al. (p. 170, 2011) destacam a importância do docente em formação envolver-se com a criação de seus próprios instrumentos didáticos como meio de superar obstáculos e atingir os objetivos de aprendizagem almejados. Ao desenvolver o material, a estagiária adquiriu habilidades importantes para seu futuro profissional como docente ao pensar no tipo de recurso didático, o conteúdo que será trabalhado, melhor interface para chamar atenção dos alunos e como aplicar em sala de aula. Além deste processo, após a aplicação do material aos alunos, foram obtidos resultados positivos como interação entre os alunos, compartilhamento de conhecimentos e interação estagiária-alunos. Desta forma constatou-se que os alunos estavam mais interessados em aprender e buscar seus conhecimentos com a utilização do recurso didático, o qual se tornou um auxiliar para melhoria do Ensino.

De modo geral, durante as aulas realizadas na Turma 2, foram atingidos os objetivos propostos, que eram de possibilitar aos estudantes conhecerem os usos mais comuns das funções éster e cetona, assim como, as regras de nomenclatura destes compostos.

CONCLUSÃO

O estágio possibilitou a inserção da acadêmica no ambiente escolar, desenvolvendo habilidades de observação, análise, reflexão e busca de soluções para o Ensino de Química. As diferentes estratégias adotadas para a abordagem dos conteúdos de Química Orgânica, com e sem a utilização dos jogos didáticos, possibilitou que fosse constatada a importância destes recursos para melhorar o

envolvimento e a aprendizagem dos estudantes, o que ficou bem nítido com a diferença no nível de dificuldades, que foi bem maior na turma que não utilizou estes recursos.

O jogo utilizado na segunda turma possibilitou que houvesse maior interação entre os estudantes, de modo que a maioria das dúvidas fosse resolvida entre eles. Quanto à utilização deste recurso para avaliação da aprendizagem, pode-se afirmar que este permite um melhor acompanhamento das dificuldades dos estudantes, que se tornam mais evidentes durante a atividade.

Durante este estágio foi possível, observar o impacto na aprendizagem dos estudantes, causado pelas atividades e recursos didáticos empregados, levando a acadêmica à uma reflexão sobre a sua prática. Portanto, conclui-se que o estágio proporcionou o desenvolvimento de diversas habilidades necessárias ao futuro docente, entre elas a interação com os estudantes, o planejamento de aulas, a identificação das dificuldades de aprendizagem dos estudantes e, a escolha e desenvolvimento de recursos didáticos apropriados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura- MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 2002.

CASTRO, P.; TUCUNDUVA, C.; ARNS, E. M. A Importância do Planejamento das Aulas para Organização do Trabalho do Professor em sua Prática Docente. Athena, Revista Científica de Educação, c. 10, n. 10, jan/jun. 2008.

CHASSOT, A. **Para que(m) é útil o ensino? Alternartivas para um ensino (de Química) mais crítico.** Canoas: ULBRA, 1995.

FILHO, E. B.; BENEDETTI, L. P. S.; FIORUCCI, A. R.; OLIVEIRA, N.; PERONICO, V. C. D. Utilização de Palavras Cruzadas como Instrumento de Avaliação no Ensino de Química. Experiências em Ensino de Ciências, v. 8, n. 2, p. 104- 115, 2011.

FIORENTINI, D.; CASTRO, F. C. de C. T. Tornando-se professor de Matemática: o caso de Allan em Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. In: FIORENTINI, D. (org). Formação de Professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo : Paz e Terra, 1997.

GARCEZ GONÇALVES et all. O Estágio Supervisionado em Química: possibilidades de vivência e responsabilidade com o exercício da docência. Local: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.5, n.3, p.149-163, novembro 2012 ISSN 1982-5153.

NICOLINI, C. A. H; MORAES, R. **Educar pela Pesquisa com Projetos de Aprendizagem: Algumas Experiências.** IV Encontro Ibero-Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que Fazem Investigação na sua Escola, 2005, p. 94.

OLIVEIRA, Lucila Maria Pesce; LEITE, Maria Teresa Meirelles. Concepções Pedagógicas. Especialização em Saúde na Família, Modalidade a distância, Módulo Pedagógico UNIFESP, 2010-2011.

PINHO, Sílvia Teixeira de; ALVES, Daniel Medeiros; GRECO, Pablo Juan; SCHILD, José Francisco Gomes. Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. Motriz: Revista de Educação Física, Rio Claro. v. 16, n. 3, p. 580-590, jul./set.2010.